

Banco do Brasil apresenta e patrocina

LUME  
TEATRO

KIN

TSUGI

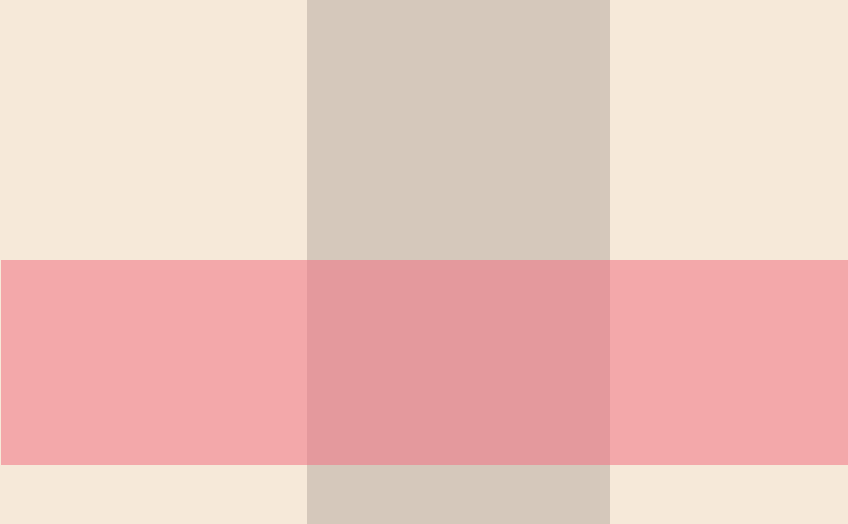
100 memórias

COM  
ANA CRISTINA COLLA  
JESSER DE SOUZA  
RAQUEL SCOTTI HIRSON  
RENATO FERRACINI

DRAMATURGIA  
PEDRO KOSOVSKI

DIREÇÃO  
EMILIO GARCÍA WEHBI





**Banco do Brasil** apresenta e patrocina o espetáculo **KINTSUGI, 100 memórias**, criação mais recente do LUME Teatro, que há mais de 40 anos se dedica à pesquisa e criação nas artes cênicas.

Instigado por uma mutação genética que assola a população de uma comunidade colombiana, levando a um tipo raro e precoce de Alzheimer, o grupo teatral elabora um tratado sobre a memória que transforma a doença em metáfora para o apagamento e abre caminho para a investigação de lembranças individuais e coletivas, que mesmo estilhaçadas são capazes de reconstituir a história de um país e de seu povo.

Ao realizar este projeto, o **Centro Cultural Banco do Brasil** celebra a trajetória do LUME Teatro e fortalece a conexão dos brasileiros com a cultura, proporcionando trocas significativas com o público e oferecendo caminhos para a compreensão do sujeito e da sociedade através da arte.

**Centro Cultural Banco do Brasil**



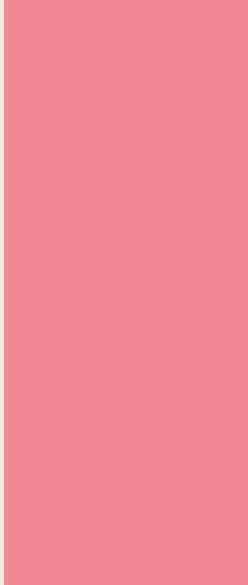


foto: Arthur Amaral

**KINTSUGI, 100 memórias** é uma proposta cênica que, partindo dos limites da teatralidade e de modo fragmentário, tenta aproximar-se de uma ideia de memória não linear, tampouco bucólica, mas sim uma memória que apresenta o gesto da vontade no ato de lembrar. Para nós, a memória não é nem monumentalista nem autocomplacente; é, sim, um exercício do presente para revisitar as crises passadas, os erros cometidos, as cicatrizes – pessoais e coletivas – que a história nos deixou e, assim, corrigir o nosso futuro; é o reencontro com a dor como ato de superação.

Em termos cênicos, o espetáculo busca assumir as premissas conceituais anteriormente narradas e propõe, a partir da exibição de 100 memórias, uma dramaturgia autoficcional, desconstruída de maneira não narrativa, que transita periféricamente pela história dos intérpretes, suas histórias em grupo e, como projeção, pela história dos espectadores.

Kintsugi, filosoficamente, “a beleza da imperfeição”, é uma palavra japonesa que literalmente significa “emenda com ouro”. Essa arte consiste em reparar cerâmica quebrada com uma mistura de laca e pó de ouro, prata ou platina.

## PROCESSO

Iniciamos com uma ideia: mergulharmos no mundo do Alzheimer, doença degenerativa que acomete a capacidade de memória. Trabalhar o Alzheimer, portanto, seria lidar com um misto de lembranças e esquecimentos, memória e desaparecimento. Visitamos pacientes com demência, conversamos com especialistas, visitamos a ala neurológica de hospitais, ao mesmo tempo em que o país mergulhava cada vez mais numa obscuridade e irracionalidade política gravíssimas.

Convidamos o diretor Emilio García Wehbi, que nos trouxe algumas questões: seria essa irracionalidade social fruto de uma patologia irremediável? Seria essa política obscura, que toma conta de nosso país, fruto de uma doença cuja degeneração não pode ser detida pela vontade? Ou seria uma ação manipulada, calculada? A resposta, cremos, é óbvia. Outra questão diretamente vinculada a essa: quais seriam as lembranças que queremos esquecer ou sequer tocar?

Partimos, então, em busca de uma memória específica: as lembranças das sombras, aquelas memórias – sejam elas pessoais, do grupo LUME ou sociais – que se fundem com uma vontade de esquecimento. Não mais uma amnésia patológica, mas um esquecimento por opção. Aquelas memórias que machucam, ferem, que moram nas sombras e que queremos que permaneçam assim: quietas, inertes.



E assim tratamos o Alzheimer, mais como metáfora do que como patologia, e mergulhamos em nossas sombras pessoais, grupais, sociais para que pudéssemos compor uma obra de autoficção, ao mesmo tempo simples, direta e política, baseada numa singularidade que deseja se coletivizar. E foi com esse desejo que resolvemos aumentar ainda mais nosso coletivo de poetas da cena: para a dramaturgia convidamos Pedro Kosovski, para nos auxiliar a sustentar, em palavras, todas essas vontades e desejos. Para o Desenho Sonoro da peça convidamos Janete El Haouli e José Augusto Mannis, músicos de uma sensibilidade ímpar, que transformaram sonoramente a genialidade dos noturnos de Chopin em uma nova paisagem sonora para esta encenação.

Essas memórias, sombras, atravessamentos, palavras, sonoridades na obra são suportadas na materialidade de 100 objetos ou referências concretas e sintetizados na ideia de Kintsugi: a arte de reparar cerâmica com pó de ouro. Os vasos, assim reparados, valem mais que aqueles sem reparação alguma.

KINTSUGI, 100 memórias é uma obra autoficcional na qual restauramos vasos, memórias, coletividades quebradas e recompostas de alguma maneira, seja com ouro, com fita crepe, com cola... mas cuja reparação, seja ela qual for, torna a vida possível e mais potente.

**LUME Teatro**

foto: Arthur Amaral



## A MÚSICA NO ESPETÁCULO

Interessamo-nos pelo fato de que portadores da Doença de Alzheimer são capazes de acessar e resgatar memórias por meio de estímulos musicais. As músicas conhecidas ativam lugares de memória que “driblam” o Hipocampo, primeira região afetada pela doença. Esta atrofia causa desorientação, fazendo com que o paciente perca estratégias de busca das informações.

A arte, e mais especificamente a música, tem se mostrado um bom atalho para alcançá-las. Por vezes, uma pequena fagulha reacende o todo e revela imagens e memórias; em outros casos, a música é provocadora de emoções, sem que remeta a imagens concretas. Esse foi o primeiro passo para definirmos a necessidade de intercâmbio com músicos. Encontramos em Janete e Mannis a possibilidade de construção de um ambiente sonoro que compusesse com a camada corporal e cênica, que criasse pontes entre nós e cada espectador, entre nossa autoficção e as memórias de cada espectador; uma sonoridade que criasse um “bordado sonoro”, um “vapor de som”, com potência de acordar, justamente, memórias.



## DRAMATURGIA “KINTSUGI, 100 memórias”

“Um vaso se estilhaça em cem memórias. Esse acidente cobra dos artistas do LUME uma tomada de posição: de que modo juntar os fragmentos daquilo que um dia representou um contorno estável que os uniu e os conteve, tal como um vaso, durante tantos anos?

Memórias individuais, memórias do grupo, memórias sociais do Brasil da ditadura à redemocratização. Uma comunidade não se faz à força e muito menos é um todo irretocável. Uma comunidade se faz pelo desejo. E o desejo se faz no tempo. E o tempo que está em jogo, em Kintsugi, é o ato presente e singular de narrar. Isso porque uma “comunidade do desejo”, que se quer, se faz de partes. E desse modo, cada uma delas, por meio do tempo e de suas narrativas, pode requerer outras posições e reconfigurar todo o complexo jogo de relações. Não é fácil.

Voltando: de que modo juntar as 100 memórias? É possível operar ativamente um restauro? Resistiríamos à doentia compulsão à repetição? E resgatar do passado um vaso semelhante que nos iludiria com uma capa abrilhantada de verniz, sem fissuras, mas também sem história? Afinal, o que se deseja restaurar é mesmo aquela ilusão de proteção e segurança, como nos velhos tempos, diante de um futuro cada vez mais incerto? Aliás, como tem doído ouvir “como nos velhos tempos”, nesse Brasil pós 2016. Uma comunidade que disfarça suas fissuras, uma história que não se revê criticamente, uma memória saudosista que ignora o presente, está em vias de um acidente ainda mais doloroso e, talvez, este sim, irreconciliável: de partes que se querem aniquilar umas às outras, de fragmentos que se querem ver transformados em pó.

Esta é a tomada de posição a que, não apenas os artistas do LUME, mas toda uma geração está convocada: romper com esse ciclo vicioso. Nesse momento, nesse país, nesse mundo, depois de tantos traumas, a construção proposta em “Kintsugi” só poderia ser a de uma utopia: restauração do desejo de estarmos juntos na diferença, restauração do desejo de expansão em nossa imaginação política, restauração de fagulhas de um possível futuro, sim!”

**Pedro Kosovski**, dramaturgo



### **CRIS**

Eu nasci Ana Cristina, filha de Ana, neta de Maria. Era pra ser Ana Maria mas a vó disse que as Marias sofriam demais. Aí, me nomearam de Ana Cristina, de Cristo. Nasci miúda. Míope me tornei quando comecei a crescer. Ser atriz nunca foi sonho, fui sendo. Talvez pela vocação de ser casulo.

### **JESSER**



O desejo de ser ator começou a existir na década de 70, com os disquinhos de vinil coloridos de "estórias" infantis, como a do Lobo Mau que comeu a Vovozinha, que soavam na vitrola, enquanto eu brincava de teatro, no quintal de casa. Os vizinhos como convidados. Eu sabia que seria ator. No caminho, muitos desafios, um bom tanto de quedas, frustrações e rupturas, mas também encontros potentes, provocadores e, sobretudo, continuamente transformadores.

### **RAQUEL**



Sou tão discreta que prefiro disfarçar meu bom humor para não parecer presunçosa. Aos 35 me tornei mãe. De lá pra cá, sou mãe-atriz, mãe-professora, mãe-filha, mamãe. Vivo em coletivos, de dois, de três, de quatro, de cinco e de sete. Assim, em sequência, porque me criei na numérica Brasília. Saltando um número para me lembrar de que posso me permitir ser imperfeita. No coletivo, por escolha, para ter com o que me irritar. Meus amores são para a vida toda. Se eu perder um deles a gente combina de fazer outra biografia, pois essa Raquel se desvanecerá.



### **RENATO**





Ator, pesquisador, pai, filho (mas neto não mais, infelizmente!). Uso brincos. Rizomático. Crítico. Positivo vital. Livre, solto e careca. Carrego sempre um pouco de amarelo, sol e noite nos bolsos para distribuir gratuitamente.

## SOBRE O LUME TEATRO

"... Trabalhar o ator é, sobretudo e antes de mais nada, preparar seu corpo não para que ele diga, mas para que ele permita dizer. A arte de ator é uma viagem para dentro de nós mesmos, um reatar contato com recantos secretos, esquecidos, com a memória. A verdadeira técnica da arte de ator é aquela que consegue esculpir o corpo e as ações físicas no tempo e no espaço, acordando memórias, dinamizando energias potenciais e humanas, tanto para o ator quanto para o espectador."

**Luís Otávio Burnier** (\*1956 - †1995), fundador do LUME

O LUME é um núcleo interdisciplinar de pesquisas teatrais da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e, ao mesmo tempo, é um coletivo de três atrizes, quatro atores e uma equipe técnica diversificada que se tornou referência internacional para artistas e pesquisadores no redimensionamento técnico e ético do ofício de ator. Um espaço de multiplicidade de visões que refletem as diferenças, impulsos e sonhos de cada um. Ao longo de mais de 40 anos, tornou-se conhecido em mais de 26 países, tendo atravessado os cinco continentes, desenvolvendo parcerias especiais com mestres da cena artística nacional e mundial. Criou mais de 20 espetáculos e mantém 14 em repertório, com os quais atinge públicos diversos de maneiras não-convencionais. Com sede no Distrito de Barão Geraldo, Campinas (SP), o grupo difunde sua arte e metodologia por meio de oficinas, demonstrações técnicas, intercâmbios de trabalho, projetos itinerantes, trocas culturais, assessorias, simpósios acadêmicos, reflexões teóricas e publicações de livros, que celebram o teatro como a arte do encontro.

    /lumeteatro | [lumeteatro.com.br](http://lumeteatro.com.br)



## **FICHA TÉCNICA**

**PATROCÍNIO: Banco do Brasil REALIZAÇÃO: Centro Cultural Banco do Brasil CRIAÇÃO: Ana Cristina Colla, Emilio García Wehbi, Jesser de Souza, Pedro Kosovski, Raquel Scotti Hirson e Renato Ferracini DIREÇÃO: Emilio García Wehbi DRAMATURGIA: Pedro Kosovski ATUAÇÃO: Ana Cristina Colla, Jesser de Souza, Raquel Scotti Hirson e Renato Ferracini DESENHO SONORO: Janete El Haouli e José Augusto Mannis PROJEÇÃO ACÚSTICA: José Augusto Mannis DESENHO DE LUZ: Eduardo Albergaria ORIENTAÇÃO COREOGRÁFICA: Jussara Miller AUDIOVISUAL: Alessandro Soave DESIGN GRÁFICO/ IDENTIDADE VISUAL/FOTOGRAFIA: Arthur Amaral [Zumbido Cultural] APOIO E PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS TÉCNICOS: Giselle Bastos [Anoné Produções Artísticas] SUPERVISÃO DE COMUNICAÇÃO: Jesser de Souza REVISÃO DE TEXTOS: Diego Pansani TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO/ EDITOR DE REDES SOCIAIS: Marcos Rogério Pereira COMUNICAÇÃO, PLANEJAMENTO DE REDES SOCIAIS E TRÁFEGO: Beatriz França e Letícia Leiva [Rizoma Comunicação & Arte] ASSESSORIA DE IMPRENSA: Rodrigo Machado [Território Comunicação] TRADUÇÃO EM LIBRAS (DF): Geovana Meireles e Rosiana Daga TÉCNICOS DE MONTAGEM E OPERAÇÃO (CAMPINAS/DF): Eduardo Albergaria e Lemar Rezende PRODUÇÃO LOCAL (DF): Janaína Mello PRODUÇÃO EXECUTIVA: Laís Machado [Aflorar Cultura] DIREÇÃO DE PRODUÇÃO: Cynthia Margareth [Aflorar Cultura] CO-PRODUÇÃO: Anoné Produções Artísticas e Aflorar Cultura PRODUÇÃO: LUME - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - UNICAMP**

**EQUIPE INSTITUCIONAL LUME - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - UNICAMP** Atores-Pesquisadores e Atores-Pesquisadores Colaboradores: Ana Cristina Colla, Carlos Simioni, Jesser de Souza, Naomi Silman, Raquel Scotti Hirson, Renato Ferracini e Ricardo Puccetti Equipe Administrativa: Alessandro Poeta Soave, Cami Felice, Diego Pansani, Luciene Teixeira Maeno, Letícia Abreu, Marcos Pereira, Maria Estela Rafael Góes e Regina Lucas Bolsistas: Gabriela Bandeira, Joyce Nobre Dourado, Kael Morgan, Nathália Beatriz Silva Pereira e Pedro Henrique da Silva Santos Produção: Unicamp/COCEN/LUME Teatro



## AGRADECIMENTOS

Dra. Adriana Samara, Flavio Rabelo, Edson Zancanari (in memoriam), Rosa Viana, Regina Barros, Sônia Zancanari, Tenille Zancanari, Márcia Viana, Maíra Viana, Yara Barros, Laura Barros, Dr. Benito Damasceno, Dr. Márcio Balthazar, Prof. Dra. Maria Coudry (Maza), Tadashi Endo (in memoriam), Angela Sampaio, Mônica Garcia, Ruben Alekxander, Rosa Morena, Chavannes Peclat, Danny Pérez, Edu de Maria, Anabela Leandro, Núcleo de Samba Cupinzeiro, Centro de Pesquisa da Máscara, Cerâmica Rezende, Friends House, FAPESP e CNPq.

## CRÉDITOS

Transformações sonoras, a partir dos noturnos de Chopin (Op. 9, No. 1, em si b Maior; Op. 27 No. 1, em dó# menor e Op. 55 No. 1 em fá menor), na interpretação de Brigitte Engerer, compostas por Janete El Haouli e José Augusto Mannis.

Poema final: "Na Noite Terrível" de Álvaro de Campos (Fernando Pessoa) - 11-5-1928

Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). - 34.

Música "Sonho de Ícaro", composição de Edu de Maria (Eduardo Conegundes) para o Espetáculo "Sonho de Ícaro", em comemoração aos 25 anos do Grupo LUME e samba-enredo do Bloco do Cupinzeiro no Carnaval de Rua de Barão Geraldo (2010).

# INVENTÁRIO DE MEMÓRIAS

- 01 - Brinde com Saquê
- 02 - Vaso que quebra
- 03 - Revista Angostura [2012]
- 04 - Versão 1
- 05 - Seringa [1977]
- 06 - Óculos Novos [2019]
- 07 - Almofada Luís [1994]
- 08 - Dinheiro do Avô [1924]
- 09 - Barbeador [2019]
- 10 - Camisola [1935]
- 11 - Bolsinha [2019]
- 12 - Incêndio Museu [2018]
- 13 - Versão 2
- 14 - Acordeão [1990]
- 15 - Bumbo - Corpo Marcado [1995]
- 16 - Lira - Corpo Marcado [1995]
- 17 - Caixinha [1995]
- 18 - Valsa "O relógio bateu 3 horas"
- 19 - Quadro de fotos [1973]
- 20 - Faca [2019]
- 21 - La Bobera [2012]
- 22 - Garrafa Vazia [2018]
- 23 - Versão 3
- 24 - Rosa [2018]
- 25 - Cooler [1990]
- 26 - Caixa "Os Bem Intencionados" [2012]
- 27 - Sapatos [1992]
- 28 - Plataforma Vermelha [1998]
- 29 - Óculos [1975]
- 30 - Casaco [1979]
- 31 - Máscara Zebra [2005]
- 32 - Versão 4
- 33 - Chaves Barbosa
- 34 - Equipamentos de Proteção [2001]
- 35 - Diários de Trabalho [1993]
- 36 - Corrida "Shi-Zen, 7 Cuias" [2004]
- 37 - Documento Hospitalar [1981]
- 38 - Canção "Endomargin" [2011]
- 39 - Caixa de Costura [1975]
- 40 - Edson [2017]
- 41 - Pasta Pessoais Azuis 1 e 2 [1988]
- 42 - Juventude [1990]
- 43 - Polca "Uma Festa no Céu" [1998]
- 44 - Versão 5
- 45 - Foto 3x4 [1978]
- 46 - Blazer Lantejoulas [1992]
- 47 - Pasta de recortes [1999]
- 48 - Edson 2 [2017]
- 49 - Garrafa Quebrada [2012]

- 50 - Versão 6
- 51 - Roupas Azul Bernardo [1971]
- 52 - Charuto [2012]
- 53 - Foto Bernardo [1980]
- 54 - Teste de Palavras [2018]
- 55 - Macondo [1997]
- 56 - "Da vaca eu quero leite" [2005]
- 57 - Regina [2018]
- 58 - Pen Friends [1980]
- 59 - Retratos Fantasmas [1952]
- 60 - Versão 7
- 61 - Copo Whisky [2003]
- 62 - Carta Luís [1994]
- 63 - Rosa Ditadura [2018]
- 64 - Carta Pai da Raquel [2006]
- 65 - Livro Virgem [1938]
- 66 - Mala Você [2009]
- 67 - Figurinos "Afastem-se Vacas que a Vida é Curta" [1997]
- 68 - Caixinhas de Música [1997]
- 69 - Versão 8
- 70 - Objeto de frustração: Concertina [2009]
- 71 - Objeto de frustração: Máscaras [1999]
- 72 - Livro Bartolomeu [2015]
- 73 - Sonho do Edson
- 74 - Asas [2010]
- 75 - Canção "Sonho de Ícaro"
- 76 - Inventário Incêndio no Museu [2018]
- 77 - Bordado [2016]
- 78 - Máquina Fotográfica [1994]
- 79 - Papéis de Internação [2010]
- 80 - Versão 9
- 81 - Carta Criptografada [1979]
- 82 - Gravador de Fita Cassete [1992]
- 83 - Time Capsule [2011]
- 84 - Desenho Bandeira [1977]
- 85 - Peça Publicitária "Brasil: Ame-o ou Deixe-o" [1973]
- 86 - Calendário [1957]
- 87 - Álbum de Fotos [1973]
- 88 - Versão 10
- 89 - Caixa de Maquiagem [1985]
- 90 - Memória de Cheiros [2018]
- 91 - Roteiro Filme [1984]
- 92 - Mala "Para Lembrar ou Para Não Esquecer" [2014]
- 93 - Versão 11
- 94 - Figurino Gostosa [2012]
- 95 - Leque [2018]
- 96 - Rosa, Edson e Regina [2018]
- 97 - Versão 12
- 98 - Marcha
- 99 - Versão Utópica
- 100 - Poema Álvaro de Campos



## TEMPORADA DO ESPETÁCULO

4 a 14 de junho de 2026

Quinta a Sábado • 20h

Domingo • 18h

CCBB Brasília • Teatro

10/06 • sessão às 15h

13/06 • não haverá sessão

Sessão com tradução em Libras no dia 11/06

Ingressos a R\$30 e 15 (meia) na bilheteria  
ou no site [bb.com.br/cultura](http://bb.com.br/cultura)

## CURSO GRATUITO

***Treinamento Técnico para Atuadores***

com Jesser de Souza, ator do LUME Teatro

4 a 07/06, quinta a domingo • 10h às 13h

CCBB Brasília • Teatro

PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



Centro Cultural Banco do Brasil Brasília  
SCES, trecho 2 – Brasília/DF

  / cccbbrasil  
 / @ccbbcultura